

Revista OS BELENENSES

EDIÇÃO ESPECIAL DO 106.º ANIVERSÁRIO | 23 SETEMBRO 2025



ENTREVISTA MODALIDADES | MÁQUINA DO TEMPO | 90.º ANIVERSÁRIO VICENTE LUCAS
69.º ANIVERSÁRIO DO ESTÁDIO DO RESTELO | 20 ANOS DA ELEIÇÃO DE CABRAL FERREIRA
COLEÇÃO DE CAMISOLAS VÍTOR ENNES | MUSEU DO BELENENSES DA MARINHA GRANDE
BELENENSES ECLÉTICO E 100 ANOS DE GEORGETE DUARTE

Programa de Aniversário

19 SETEMBRO

Ciclo de Debates

20h30 “Liderança no Feminino”

Moderado por Carolina Largo, com a participação de Ana Simões Ferreira (Vice-Presidente), Anabela Gordo (Diretora de Atletismo), Camila Amaral (ex-capitã de Basquetebol) e Susana Veiga (jogadora e treinadora de Voleibol)

21h30 “Viver Belenenses”

Moderado por Óscar Machado Rodrigues, com Fernando Gonçalves (Atleta entre 1985 e 1994), Vítor Manuel (treinador na época 1995/96), Rui Vasco Silva (dirigente do Basquetebol) e Luís Silva (fundador da Fúria Azul)

20 SETEMBRO

Futebol Sénior (Taça de Portugal)

11h00 CF “Os Belenenses” vs CS Marítimo
(Estádio Nacional)

Ciclo de Debates

15h00 “Belenenses do Amanhã”

Moderado por Diogo Barrote, com participação de Sérgio Camões (sócio), Pedro Jacinto (sócio), Hugo Pereira (sócio) e Gonçalo Mendes (sócio)

16h00 “Belém, berço do futebol lisboeta”

Moderado por Edgar Macedo, com participação de José Manuel Carvalho (Assessor para Relações Institucionais), Eupremio Scarpa (Vintage Football Tours), José Barros Rodrigues (antigo Vice-Presidente) e Sr. Humberto Azevedo (Sócio N.º 1 do clube)

17h00 “Desporto e Sociedade Civil”

Moderado por Rodrigo Saraiva, com participação de Jorge Marques (Junta de Freguesia da Ajuda), Rodrigo Silva (Junta de Freguesia de Belém), Rui Cordeiro (Camara Municipal de Lisboa) e Patrick Morais de Carvalho (Presidente do CF “Os Belenenses”)

Festival ODE by Novo Verde

Atuações de Aurea, Rony Fuego e DJ Wilson Honrado

Futsal Sénior (Jogos de Apresentação)

(Pavilhão Acácio Rosa)

18h00 CF “Os Belenenses” vs Elétrico (masculino)

20h00 CF “Os Belenenses” vs Dragões Fantásticos (feminino)

Futsal Sub-19

15h00 União de Leiria vs CF “Os Belenenses”
(em Leiria)

21 SETEMBRO

Futebol Sénior – Equipa B (AF Lisboa I Divisão)

15h00 CF “Os Belenenses” vs Olivais e Moscavide
(Campo Major Baptista da Silva)

23 SETEMBRO – DIA DO ANIVERSÁRIO

09h00 Hastear da Bandeira no Restelo

09h30 Deposição de coroa de flores
no Monumento a Pepe

10h00 Hastear da Bandeira nas Salésias

10h30 Romagem ao Mausoléu do CF “Os Belenenses”
(Cemitério da Ajuda)

18h00 Visitas ao Estádio do Restelo
(até às 19h00)

20h30 Quiz Night no Bar dos Rapazes da Praia

26 SETEMBRO

18h00 Cerimónia de atribuição de emblemas a
sócios com 25, 50 e 75 anos de filiação.

20h00 Jantar de aniversário no Centro de
Congressos de Lisboa com entrega dos prémios
Artur José Pereira

27 SETEMBRO

Futebol Sub-19

15h00 SCU Torreense vs CF “Os Belenenses”
(em Torres Vedras)

Futebol – Torneio José António
(competição entre sócios)

28 SETEMBRO

Futebol Sénior – Equipa B

CF “Os Belenenses” vs Real SC
(Campo Major Baptista da Silva)

Futebol – Torneio José António
(competição entre sócios)

1 OUTUBRO

Andebol Sénior (Campeonato Andebol 1)

20h00 CF “Os Belenenses” vs Sporting CP
(Pavilhão Acácio Rosa)

4 OUTUBRO

10h30 Caminhada Histórica > [INSCREVA-SE AQUI!](#)
(Da Praça Afonso de Albuquerque às Salésias
e até ao Estádio do Restelo)

12h00 Inauguração do novo relvado

Futebol Sénior (Liga 3)

17h00 CF “Os Belenenses” vs Caldas SC
(Estádio do Restelo)

5 OUTUBRO

Voleibol Sénior (feminino)

CF “Os Belenenses” vs Ala de Gondomar
(Pavilhão Acácio Rosa)

FICHA TÉCNICA

Responsável editorial: Diogo Barrote juntamente com a Comissão Organizadora do 106.º Aniversário composta por Ana Patrícia Moreira, António Nunes dos Santos, Carolina Largo, João Farinha, Luís Silva, Rui Avelans Coelho e Sérgio Camões.

Agradecimentos:

Departamento de Comunicação do CFB, Patrick Morais de Carvalho, Miguel Pinto Barreiros, Rui Vasco Silva, Vítor Ennes, Carlos Alberto Correia e Luís Borges.

As fotografias não identificadas das Modalidades fazem parte do Arquivo Fotográfico do CFB / Museu Manuel Boulhosa.

Editorial

Sair a Jogar com... (entrevista modalidades)

Máquina do Tempo

90.º Aniversário Vicente Lucas

69.º Aniversário do Estádio do Restelo

20 anos da Eleição de Cabral Ferreira

Coleção de Camisolas Vítor Ennes

Museu do Belenenses da Marinha Grande

Belenenses Eclético e 100 anos de Georgete Duarte



editorial

Patrick Morais de Carvalho

Presidente da Direção
Clube de Futebol “Os Belenenses”

Caros Sócios,

Celebramos agora o 106.º aniversário do Clube de Futebol “Os Belenenses”, uma data que nos enche de orgulho e que reforça a dimensão histórica da nossa instituição. Ao longo de mais de um século, fomos construindo um legado único, assente em conquistas desportivas, momentos inesquecíveis e na paixão incondicional dos nossos sócios e adeptos.

Este aniversário é, por isso, não apenas um olhar para trás, mas também uma oportunidade para refletirmos sobre o presente e projetarmos o futuro.

Nos últimos anos, o Belenenses conquistou importantes obras e realizações que asseguram a vitalidade do Clube.

O Complexo do Restelo, coração da nossa história, tem vindo a ser palco de um esforço contínuo de modernização, tornando-se também uma fonte de receitas essenciais através da instalação de parceiros de referência e da realização de grandes eventos culturais e musicais. No plano desportivo, consolidámos a nossa identidade única, que chegou a estar em risco, e temos visto crescer, com orgulho, os projetos de formação, das modalidades e da nossa equipa principal de futebol que continuam a afirmar a marca Belenenses.

No presente, estão em curso obras estruturantes que irão marcar a diferença. Destaco, desde logo, do ponto de vista desportivo a renovação do nosso relvado natural do Estádio do Restelo, que permitirá devolver à nossa equipa principal as melhores condições de jogo e aos sócios o prazer de regressar a uma casa renovada.

Paralelamente, temos investido em melhorias nas infraestruturas do Clube e estamos agora também a instalar um novo relvado sintético no Campo Major Baptista da Silva e a apostar, em particular, nos espaços de apoio às modalidades, reforçando as condições para

que os nossos atletas possam competir e crescer com qualidade.

Mas o Belenenses não vive apenas do presente – vive sobretudo da sua capacidade de sonhar mais alto.

O futuro do Clube assenta em três pilares: sustentabilidade financeira, competitividade desportiva e proximidade com os Sócios.

Queremos consolidar o equilíbrio das contas, condição indispensável para sermos mais ambiciosos e sermos livres, donos das nossas decisões e do nosso futuro.

Estamos a dotar o futebol sénior e a formação de melhores condições para competir em patamares mais elevados. E queremos, acima de tudo, que cada sócio sinta o orgulho de pertencer a uma instituição que honra a sua história e constrói um futuro sólido.

O caminho não tem sido fácil, mas a determinação, a resiliência e a união da família azul permitem-nos acreditar que o melhor ainda está por vir.

O Belenenses fez história no passado, tem presente no agora, e terá futuro nas gerações que continuam a vestir a nossa camisola e a defender o nosso emblema.

Neste 106.º aniversário, deixo um agradecimento profundo a todos os sócios, atletas, treinadores, colaboradores e parceiros que diariamente engrandecem o nosso Clube, aos membros da Comissão do 106.º Aniversário pelo trabalho realizado e um reconhecimento muito sentido a todos os meus colegas de órgãos sociais. Que esta data seja uma celebração da nossa identidade e uma inspiração para continuarmos a lutar por um Belenenses cada vez mais forte.

Viva o Belenenses!



Sair a jogar com...

Entrevista com os capitães de equipa das modalidades

Aproveitando o início da época desportiva das várias secções do nosso clube, fomos escutar as palavras dos representantes do nosso ecletismo, em relação às ambições para a nova época e ao sentimento do que é envergurar a camisola azul da Cruz de Cristo, colocando a todos as seguintes quatro perguntas:

1. Ser capitão do Belenenses é orgulho, mas também é responsabilidade. Como se vive com o peso de se ser um exemplo para companheiros de equipa, sócios e adeptos e, muito importante, atletas da formação?
2. Quais os objetivos para esta época?
3. Uma história que represente o que é “Ser Belenenses”
4. Que figura histórica do Belenenses destacarias na modalidade?



INÊS FONSECA
Basquetebol Feminino



1 Ser capitã do Belenenses é, sem dúvida, um grande orgulho. Representar este clube histórico tem um peso enorme que vai muito para além do que acontece dentro de campo. É também, ser uma referência para os jovens da formação, que olham para nós como exemplo. Tento liderar com compromisso e respeito, sabendo que cada atitude conta. É uma responsabilidade que me faz crescer, não só como atleta, mas como pessoa.

2 Os nossos objetivos, passam por criar um grupo forte, unido e comprometido, que nos permita garantir rapidamente a manutenção e com isto, entrar no grupo da fase de subida. Sabemos que é uma divisão muito exigente e competitiva, mas com trabalho e seriedade, estaremos preparadas para competir com qualidade.

3 Na época 2023/2024, subimos oficialmente de divisão, num jogo em casa contra o Clube Nacional de Natação. O nosso Pavilhão Acácio Rosa estava bastante composto, não só com os nossos atletas da formação, mas também com treinadores, pais e amigos, todos juntos para nos apoiar. O que realmente me marcou neste dia, foi a presença da equipa de andebol, que ficou a assistir ao nosso jogo e que, no final, celebraram connosco como se fosse também uma conquista deles. Quando fomos recebidas com tochas acesas e com o hino do Belenenses, percebi que ser do Belenenses é partilhar uma paixão que ultrapassa qualquer modalidade ou resultado. “Ser Belenenses é isto”, um sentimento de família e união.

4 Quero referir a minha colega de equipa e amiga, a Constança Gonçalves, que já partilha as quatro linhas comigo há algum tempo. A Constança é um exemplo para mim, pela sua resiliência, humildade e acima de tudo, pela capacidade de estar sempre presente para os outros, mesmo quando ela não está no seu melhor. Já partilhámos muitos momentos no campo, tanto bons como maus, e admiro a forma como ela encara todos os desafios com a mesma atitude positiva. Espero que os atletas da formação a vejam como um exemplo, tanto como atleta quanto como pessoa.



NELSON PINA
Andebol



- 1 É uma grande responsabilidade, mas vivo e tento que todos os sócios e os atletas sintam e vivam a mística de ser Belém, que é nunca desistir e acima de tudo lutar, ajudar, honrar, respeitar e ter compromisso sempre nos bons e maus momentos.
- 2 Certamente que este ano queremos fazer melhor que na época passada e ficar nos 6 primeiros lugares da classificação de modo a fazer um campeonato tranquilo.
- 3 Uma história que represente ser Belenenses, para mim é aquilo que fazemos todos os anos no andebol: criamos uma ligação de irmandade, respeito e compromisso não só com o Clube, mas também com cada atleta que está ao nosso lado no balneário. Dentro ou fora de campo, o Belenenses não é apenas um clube, mas sim uma família!
- 4 Sem dúvida o Alberto Oliveira! É um ídolo, não há muito a dizer. É um exemplo para todos os jogadores do plantel em todos os momentos. A forma como vive o dia a dia do Belenenses, o seu amor pela modalidade, o respeito que os sócios têm por ele. É sem dúvida um dos ídolos do Clube de Futebol "Os Belenenses".





BRUNO PAULO
Futsal Masculino



1 Primeiro quero parabenizar o CF Os Belenenses. Desejar muita saúde ao clube, assim como muitas vitórias e sucessos!

Respondendo à primeira pergunta, honestamente vive-se de forma natural. Não é um peso para mim. É um orgulho enorme. Principalmente com os colegas (irmãos), treinadores e diretores que tenho tido no clube. Eles valorizam ainda mais em mim, o orgulho de ser capitão de equipa.

Depois, dentro do clube, a maior responsabilidade de todas é representar o Belenenses com orgulho, de forma séria e ambiciosa. Ser capitão não é uma escolha minha. Nunca o pedi. E talvez por isso a responsabilidade seja ainda maior. Mas também sou da opinião que todos temos que ser capitães de equipa. Todos temos que ser exemplo enquanto colegas de equipa. Entre nós, e com os sócios e adeptos. Tento inculcar de forma natural essa responsabilidade em cada um, porque ninguém é mais importante que ninguém. E ninguém é mais importante que o clube. É inegociável sermos sérios, comprometidos, ambiciosos, humildes e com a capacidade de lutarmos uns pelos outros! Aqui procuramos ser todos irmãos! E de sermos boas pessoas! Depois, isso passa e contagia de forma natural toda a gente, incluindo atletas da formação. Eles mais que ninguém têm que perceber o que é representar este clube!!! E quando um deles vem treinar connosco tem que sentir e perceber isso!

2 Os objetivos passam por ganhar jogo a jogo. Numa fase inicial passa por garantirmos o mais rapidamente possível ficar num dos 4 primeiros lugares da fase regular, que dá acesso à fase de acesso à subida. Depois, definem-se novos objetivos. Na taça de Portugal o objetivo é irmos o mais longe possível.

3 O melhor do Belenenses são os adeptos. E o que mais gosto é o facto de irmos jogar aos sítios mais remotos, incluindo ilhas, e em qualquer lado que vamos temos sempre adeptos do Belenenses. Pessoalmente, considerando os desafios que o clube tem corajosamente enfrentado nos últimos anos, termos ido ao pavilhão da Luz e ganharmos com um golo meu a segundos do fim, é algo que guardo com muito carinho, pela vitória mas principalmente pela felicidade que senti nos adeptos! Foi muito bom!

4 Há figuras históricas que para os adeptos são mais impactantes. Eu entendo a pergunta. E em termos históricos, as equipas que ganharam campeonatos nacionais (no nosso caso enquanto clube terceira e segunda divisão), a equipa que ganhou a taça de Portugal, são objetivamente mais marcantes historicamente. No entanto para mim, que vivo o clube por dentro, há muitos outros históricos. A começar por aqueles que reergueram a secção de futsal quando o clube começou a enfrentar maiores dificuldades são históricos. O chamado NAF. São históricos porque provavelmente sem eles, hoje em dia não existia a modalidade de futsal no clube. Hoje em dia já são outras pessoas, mas a presente secção de futsal é realmente feita de históricos do clube. Trabalham todos os dias afincadamente para que nos falte o menos possível. E isso tem que ser reconhecido por todos. Depois, na minha primeira passagem, conseguimos um 4º lugar na fase regular, e esses são históricos. Há 3 épocas quando subimos de divisão, contra equipas com orçamentos com o triplo do nosso, fomos históricos. Mesmo há duas épocas, quando descemos de divisão, a forma como lutámos contra equipas profissionais, em que tivemos até ao fim a lutar pela manutenção, faz daquele grupo um grupo histórico. O ano passado contra equipas igualmente mais apetrechadas que nós e não subimos por 3 pontos (!), fomos históricos. Eles, jogadores, treinadores e diretores, sabem da importância que tiveram e têm para mim. Não vou individualizar, porque seria uma injustiça para a partilha que tive com toda a gente desde que estou aqui! Por isso, como figura histórica destaco cada um deles, jogadores, treinadores e diretores.



BEATRIZ LOPES
Futsal Feminino



- 1 Ao longo destes 10 anos de clube aprendi que carregar este símbolo ao peito já é uma responsabilidade acrescida. Um símbolo que tem de ser respeitado e valorizado por toda a história que já conquistou e que continua a conquistar. Enquanto capitã a única coisa que cresce é ter de transmitir os valores e a grandeza deste clube a quem chega de novo, a quem nos acompanha, a quem segue o nosso trabalho e acima de tudo aos mais jovens para terem orgulho em representar o C.F. “Os Belenenses,” e sentirem que querem fazer parte desta família.
- 2 Esta época por lesão tive de fazer uma pausa enquanto jogadora, no entanto, e, porque o amor ao clube é enorme, aceitei ficar como treinadora adjunta para poder continuar a transmitir o que é ser Belenenses e poder continuar a ajudar desportivamente o clube a chegar onde merece. Nestas funções as responsabilidades diferem, mas os objetivos são sempre de ganhar e pôr o C.F. “Os Belenenses” onde merece estar. Não será fácil, mas tudo faremos diariamente para que o desfecho da época seja o mais positivo possível.
- 3 Ao longo de 10 anos há muitas histórias para contar e reviver, mas uma mais marcante por ser a primeira vez que sentimos o clube de verdade é a minha preferida e um dia que jamais vou esquecer. Na nossa primeira época, 2016/17, jogo a contar para a taça de Portugal, calhamos com o Sporting. Equipa de primeira divisão, com jogadoras quase todas elas profissionais e algumas delas de seleção nacional. O pavilhão estava cheio, o jogo não começou bem para o nosso lado e quando demos por nós estávamos a perder 3–0, conseguimos reduzir para 3–1 e logo de seguida sofremos o 4–1, os adeptos não nos deixaram cair e continuaram a puxar por nós. Erguemos a cabeça e 1 minuto depois conseguimos fazer 4–2, ganhamos forças e a força do Acácio Rosa inteiro a torcer por nós, sentimos termos que dar tudo o que tínhamos porque era possível e todos acreditavam em nós. Na segunda parte fazemos o 4–3 num lance em que a Naty (GR do Sporting) avançou e conseguimos fazer uma recuperação de bola. A 24 segundos do fim do jogo temos uma falta a nosso favor em que dá origem a um livre de 10 metros e a Cris, a nossa guarda-redes foi bater e converteu empatando o marcador e levando o jogo a prolongamento. Acabámos por perder por 4–5, mas recordo esse momento pelo Pavilhão Acácio Rosa de bancadas cheias a torcer por nós e por tudo o que conseguimos tirar de bom daquele jogo.
- 4 Poderia destacar várias pessoas em campo e fora dele que trabalham muito para que o clube fosse respeitado na modalidade, mas vou destacar Marcos Affini, conhecido por todos como Marcão. Por fazer parte da época em que o futsal do clube se batia com os melhores e estava presente em quase todas as decisões dos títulos nacionais, ganhando a taça de Portugal em 2010. Fez uma enorme carreira dentro e fora do país, mas nunca esqueceu o clube e fez questão de ser nesta casa o fim de uma carreira enorme. A paixão que transmitia, a entrega em campo, a euforia que passava a cada defesa, era alguém que se sentia, que tinha orgulho em representar o C.F. “Os Belenenses”.



GUSTAVO SANTOS
Atletismo



1 Ser líder no Belenenses é, acima de tudo, uma honra. Representar este clube histórico, com tantos valores e tradição, traz um sentimento de orgulho enorme, mas também uma responsabilidade diária. Quando corro, não sinto o peso, sinto sim a força, dos colegas miúdos e graúdos, dos sócios, dos adeptos e dos simpatizantes, que não só em Portugal, mas também em muitas provas internacionais que já participei, não se cansam de dizer “força Belém!” Em relação aos jovens da formação, que olham para nós como referência, tento sempre ser coerente com aquilo que acredito: trabalhar com seriedade, respeitar todos, e dar sempre o máximo pelo grupo. Ser exemplo não é só correr bem, é também ter atitude, humildade e espírito de equipa. Se puder inspirar alguém da formação a seguir este caminho com os pés no chão e o coração no Belenenses, então estou a cumprir o meu papel como líder.

2 Atingir o top 3 nacional no ranking trail sprint, alcançar pódios em campeonatos regionais e nacionais e nas várias provas em que participe, ajudar os meus companheiros de equipa a continuar a conquistar troféus e títulos para o nosso Belenenses. Mas como o mais importante não é o destino mas a viagem até lá, fazer tudo isto com o mesmo empenho, paixão, alegria e companheirismo que prevalece ano após ano no Atletismo do Belenenses.

3 Cresci em Belém, um dia ainda miúdo fui ver o meu primeiro jogo num estádio, foi no Restelo, foi a partir desse dia que me tornei adepto do Belenenses, apesar de não ter nenhum familiar ou amigo que fosse do Belenenses. E a partir daí,



o Belenenses passou a ser parte da minha vida e da minha história. Como a minha, devem existir muitas histórias parecidas e para mim “Ser Belenenses” é isso mesmo, uma força interior, um acreditar e um estado de espírito inabalável, principalmente quando estou a correr com a cruz de Cristo ao peito. Mais direcionado ao atletismo, “Ser Belenenses” é saber que não estás sozinho, é saber que se estiveres em dificuldades, os teus colegas de equipa que alinharam ao teu lado na linha de partida, não te vão deixar para trás. E isto já eu presenciei várias vezes.

4 Fácil! Georgete Duarte, que representou o Belenenses entre 1944 e 1958. Merece o meu destaque porque para além da extraordinária atleta que foi (46 títulos nacionais individuais), foi também a líder da equipa feminina de atletismo, e tudo isto se passou numa época em que as mulheres começam a conquistar o seu espaço no desporto, tornando tudo um desafio ainda maior.



SALVADOR CUNHA
Rugby



1 Acho que se visse a coisa como um peso, não me parece que ainda por aqui andasse. Vivo a coisa mais como uma honra. Pela honra de jogar pelo Belém, representar os antepassados que nos deixaram o “testemunho”, defender a nossa comunidade, representar a nossa família... tudo o resto vem com naturalidade. Comprometemo-nos a apresentarmo-nos em cada treino e cada jogo na nossa melhor forma física possível. Os nossos companheiros de equipa merecem isso, o clube exige isso, e o staff está constantemente a avaliar-nos. Rapidamente a coisa se torna num dever. No nosso trabalho está incluído: pontualidade, disciplina no treino individual (ginásio, físico extra, *skills*), tratamento cuidado das lesões, procurar conhecer os limites do nosso corpo, cuidado com a alimentação, formação individual (vendo transmissão de jogos), cumprimento minucioso do trabalho que nos é pedido em campo. Todos temos as nossas agendas pessoais com trabalho, família, estudos e vida social. É exigido que dentro das nossas possibilidades, consigamos conciliar o tempo para nos apresentarmos da melhor forma possível. Assim podemos contribuir com o nosso melhor. As recompensas desta honra de representar o Belém são muito grandes. Não havendo dinheiro envolvido nem grandes benesses relacionadas, restam-nos algumas outras coisas a que nos agarramos:

- Grandes relações de amizade entre a rapaziada;
- Algum reconhecimento ocasional pelos nossos feitos;
- Formação e desenvolvimento humano de cada um;

- E, para mim o mais extraordinário, o sentimento de “coração cheio” pela nossa envolvência comprometida. Tento testemunhar isso.

2 Há cerca de 9 anos atrás o Rugby do Belenenses teve um alinhamento de circunstâncias que nos possibilitou estarmos onde estamos hoje.

Destaco as seguintes:

- Chegada do Treinador João Mirra;
- Construção do Belém Rugby Park;
- Extra de dedicação da direção e dos Amigos do Rugby;

Foram criadas condições para subirmos os índices competitivos do clube com constância.

Neste momento podemos dar ao luxo de dizer com convicção que entramos em todas as competições para ganhar.

Objetivos concretos para esta época em que queremos voltar a fazer história pelo clube:

- Ganhar o Tricampeonato; (nunca conseguimos)
- Ganhar a Taça Ibérica em casa; (nunca conseguimos)
- Ganhar a Supertaça;
- Ganhar a Taça de Portugal;

3 Há vários. Mas vou falar de um que me marcou especialmente.

Relembro um jogo que tivemos na época de 2008/2009 com a Agronomia.

A Agronomia humilhada por ter perdido a final do ano anterior connosco foi às compras. Apresentava um plantel ainda mais forte do que na época anterior. No Belém, ainda treinado por Bryce Bevin, apesar de algumas baixas, continuávamos com uma equipa forte.



O tempo era conturbado entre os dois clubes, não só pela final do ano anterior, mas também pela mudança do Francisco Cabral da Tapada para o Restelo.

Recordo que ao longo da semana chegavam recadinhos e ameaças ao Francisco.

Nada contente com as promessas de agressão em jogo, o nosso inspirador capitão daquele tempo, João Uva, ainda no balneário, fez-nos unir em defesa do Francisco.

“Ninguém toca no nosso Cabral!”

Foi feito um compromisso de honra entre todos em que não toleraríamos que nada lhe acontecesse. Foi nessas empolgantes circunstâncias que começamos o jogo.

Admito que a ansiedade tenha agigantado algumas faíscas. Em cada pequeno acontecimento a equipa do Belenenses respondia com “alguma clareza” de que não estava para brincadeiras.

Foi inevitável ter chegado aos 60 minutos já com 3 cartões encarnados mostrados pelo árbitro. Os dois primeiros por palavras e agressões, respetivamente, por João Uva e Sebastião da Cunha, ainda na primeira parte. E na segunda também por palavras William Hafu aos 10 min.

Ainda assim, a determinação dos restantes jogadores, incluindo os substitutos, fez com que acabássemos por ganhar o jogo. Com um turnover feito por Lourenço Rebelo de Andrade na bola de jogo, foi nos permitido chutar para fora ganhando o jogo com uma margem de 1 ponto, 24 – 25. Apesar de alguma reprovação pela fraca disciplina, vitória histórica perante as difíceis circunstâncias de jogar 12 contra 15 contra uma fortíssima Agronomia.

E no Francisco Cabral também ninguém tocou...!

4 Figura histórica no Rugby do Belenenses destaco o meu irmão Sebastião.

Tendo feito 21 épocas pela equipa sénior do Belém, com 4 títulos de Campeão Nacional, 3 Taças de Portugal, 5 Supertaças, 1 Taça Ibérica, conquistou também vários títulos internacionais sobretudo pela seleção de sevens.

Um jogador inspirador de se ver jogar.

Por várias vezes foi-nos possível ganhar pelos grandiosos contributos que deixava dentro de campo.

O maior terror para os adversários que jogavam contra nós pois sabiam que iam ser bastante maltratados pelo Sebastião.

Um orgulho e uma honra ter tido a possibilidade de jogar tantas vezes com ele.





RENATO RIBEIRO
Basquetebol Masculino



- 1 Como sabem, eu sou do Norte do país e como tal, não nasci aqui. Isso, no entanto, não impediu que durante o meu crescimento como pessoa, basquetebolista e adepto de desporto no geral tivesse ganho uma admiração grande pelo Belenenses enquanto enorme instituição que o é. Nos seus valores enquanto clube, no seu palmarés invejável e acima de tudo no que nada nem ninguém pode comprar: Uma massa associativa que ama o seu clube de forma incondicional e que sempre esteve presente e nunca deixou cair o clube nos momentos mais difíceis da sua história. Estou ciente do que é representar esta instituição. Num país em que poucos clubes conseguem atingir o centenário, e o nosso clube está prestes a atingir a marca dos 106 anos. Isso diz muito do nosso clube, do seu ecletismo e do trabalho contínuo ao longo de décadas para podermos estar aqui hoje. Por isso, respondendo diretamente à pergunta, vive-se bem, não porque é fácil, mas porque estou aqui para fazer a diferença dentro e fora de campo e quero essa pressão sobre mim. Como a lenda do ténis Billie Jean King disse uma vez: “A pressão é um privilégio”. E eu levo esse pensamento comigo para todo o lado.
- 2 Os nossos objetivos passam por crescer como equipa, sermos cada vez mais competitivos e dignificar a história do Belenenses em todas as competições em que participamos. Naturalmente, queremos lutar por vitórias em cada jogo, mas também sabemos que o caminho se faz passo a passo, com evolução contínua. E tenho a certeza que assim vamos conseguir o nosso grande objetivo de regressar à Proliga.
- 3 Quando cheguei ao Belenenses, no meu primeiro ano de casa, vivemos uma época muito desafiante. Tivemos de lidar com muitas lesões, várias entradas e saídas de jogadores, o que tornou difícil criar a coesão necessária dentro da equipa. A primeira fase do campeonato não correu como esperávamos: sofremos derrotas duras e, já na fase decisiva, que determinava quem iria aos playoffs de subida, também não começámos da melhor forma. Nessa altura, só havia um caminho: ganhar todos os jogos da segunda volta, ou o campeonato acabava para nós. E foi exatamente isso que fizemos. Com garra, união, resiliência e, claro, com o apoio incansável dos nossos adeptos, conquistámos seis vitórias consecutivas, incluindo contra equipas que eram favoritas à subida e contra quem já tínhamos perdido antes. No fim, fizemos o que parecia impossível e garantimos o nosso lugar no playoff. Para mim, ser Belenenses é exatamente isto: acreditar sempre, nunca desistir e lutar até ao último minuto.
- 4 Numa primeira instância, destaco o Rómulo Trindade, a alma da secção de basquetebol, parte da nossa primeira geração de ouro e símbolo daquela equipa campeã que marcou a história do Belenenses. Depois, não podia deixar de falar do Miguel Minhava, que nos voltou a pôr na ribalta do basquetebol nacional e que nos levou a viver o sonho da estreia europeia.



MARGARIDA ROCHA
Voleibol



1 Ser capitã do Clube de Futebol “Os Belenenses” é, sem dúvida, uma grande responsabilidade, mas também um enorme orgulho. Este clube fez parte do meu crescimento e poder agora retribuir, assumindo este papel, significa muito para mim.

Tenho a sorte de estar rodeada por uma equipa que torna o meu papel mais fácil. Fora de campo, não sou a pessoa mais comunicadora, mas dentro de campo isso sempre me saiu naturalmente, muito também pela minha posição. Procuro usar essa característica para apoiar a equipa e ser uma voz ativa na resolução de problemas, defendendo sempre as minhas colegas e transmitindo a importância do respeito e da responsabilidade que temos quando vestimos a Cruz de Cristo. Para as atletas mais jovens, o que mais desejo é que sintam o mesmo orgulho que eu sentia quando via as seniores em campo. Quero que saibam que estamos todas próximas, que podem contar comigo, e que juntas podemos continuar a construir o futuro desta modalidade no clube.

2 O objetivo de uma nova época deve ser sempre melhorar o que fizemos na anterior. No ano passado, garantimos o grupo dos primeiros e estivemos muito perto de voltar à Primeira Divisão.

Este ano temos uma equipa forte para voltar a estar nessa fase das decisões e, para fazermos melhor, temos de realmente dar o passo em frente e não ficar pelo “quase”.

Prometemos que vamos dar tudo em campo para poder dar essa alegria aos nossos sócios.

3 “Ser Belenenses” é algo que quem passa pelo clube consegue perceber bem o que é. Para mim, o significado de família sempre fez muito sentido neste clube. A proximidade que temos entre colegas

é muito boa, mas também com todas as pessoas que trabalham diariamente para que o clube funcione. Sentimo-nos próximos e bem aqui, e isso é algo muito especial.

Temos a mesma relação com os adeptos. Mesmo sabendo que o voleibol não é um desporto rei em Portugal, temos adeptos que estão sempre connosco, inclusive em deslocações mais longas. São adeptos que procuram saber mais sobre a modalidade e que se interessam pelo nosso trabalho diário. A verdade é que, quando jogamos com esse apoio e conseguimos vencer, sabe muito bem festejar todos juntos.

Espero que este ano possamos festejar muitas vezes juntos, e ainda com mais gente a apoiar-nos no Acácio Rosa.

4 Gostava de destacar não apenas uma figura histórica, mas sim várias, e relembrar a equipa que se sagrou campeã nacional da I Divisão Feminina na época 2014/2015.

Na altura, eu ainda era miúda e jogava no Clube Voleibol de Oeiras, mas lembro-me bem de acompanhar de perto essa equipa. Via nelas verdadeiras referências, atletas que me inspiravam e me faziam sonhar em, um dia, também eu jogar a um nível tão alto. Recordo-me de nomes como a Rita Fernandes, a Daniela Loureiro, a Aline Timm, entre outras, que para mim eram exemplos.

Anos mais tarde, quando cheguei ao Belenenses, tive o privilégio de partilhar o campo com algumas dessas mesmas jogadoras que antes via da bancada. Fui-me cruzando com elas em diferentes fases da minha carreira e, mais do que colegas, foram companheiras que me ajudaram a crescer não só como jogadora, mas também como pessoa. Relembrar essa equipa é uma forma de honrar o passado e, ao mesmo tempo, alimentar a ambição de que um dia possamos voltar a levantar troféus na nossa modalidade, inspirando uma nova geração de atletas, tal como eu fui inspirada por elas.



NUNO TOMÁS
Futebol



1 Enquanto um dos líderes deste grupo, não posso primeiro deixar de referir o nosso capitão Cuca, a braçadeira pertence-lhe e independentemente de não ter vindo a ser uma opção dentro de campo, continua a ser a personificação do que é um capitão de equipa, com todos os valores que devemos ter para representar este grupo e este Clube. Em relação à responsabilidade que tenho assumido tanto como capitão como líder, é algo que concordo a 100%, toda a honra que sinto vem também com uma enorme responsabilidade, é um posto que tive a sorte e o prazer de ter mesmo durante alguns anos de formação no clube e torna esta realidade algo natural para mim, um pouco pela minha personalidade. É sempre bom ter esse reconhecimento, mas é importante representar este Clube com os ideais e valores com os quais cresci aqui e fazer com que todos os jogadores absorvam este espírito do que é Ser Belenenses.

2 Os objetivos desta época são claros e estão definidos. Desde o dia 1 e falo no plural porque com este formato de Liga 3, temos sempre o primeiro objetivo de terminar esta primeira fase nos primeiros quatro lugares, apontando desde já ao primeiro lugar. O segundo objetivo da época, que está claramente ligado ao primeiro, passa pela subida de divisão. Voltar a colocar o Clube num patamar superior e trazer alegrias a estes adeptos que sofreram muito com o desfecho da época passada.

3 Não consigo recordar-me de alguma história específica e única que me marque de forma diferente no que toca a “Ser Belenenses”, mas para mim a nostalgia que sinto quando me recordo da primeira vez que fui apanha-bolas num jogo

no estádio do Restelo, ainda enquanto criança e atleta do clube, torna tudo o que vivo hoje ainda mais significativo. Os adeptos na bancada, o hino no momento da entrada em campo, aquele pastel de nata que recebemos no final do jogo, tudo isto simboliza o que é “Ser Belenenses” para mim.

4 Vou destacar 3 figuras, uma delas que é inevitável e as outras duas porque têm um cunho pessoal no que sou hoje como jogador e na minha forma de jogar e liderar. A primeira figura que tenho de destacar é o nosso roupeiro José Maria, conheci-o tinha cerca de 9 ou 10 anos quando fazia parte da organização de um torneio que se realizou em Odivelas e o recebi no balneário para ele preparar todo o material. A verdade é que o futuro me faria cruzar com ele novamente quando cheguei ao Restelo uns anos depois e ele organizava toda a roupa da formação e me recebeu muito bem. Hoje, convivo com ele diariamente e após todos estes anos dedicados ao Clube, ele merece sem dúvida este reconhecimento da minha parte. As outras duas figuras que quero destacar são o Rui Gregório e o Luiz Filgueira. Tive a felicidade de ser treinado por eles, que enquanto jogadores tinham a mesma posição que eu em campo e por isso digo que foram marcantes na minha progressão enquanto jogador, com imensos conselhos técnicos, táticos e mesmo a nível de liderança. Ainda hoje quando analiso as minhas intervenções em treino ou jogo, faço-o com base em aprendizagens vindas desse tempo e destaco-os por isso.



TOMÁS GONÇALVES
Triatlo



- 1 Para mim é uma honra ser vice-capitão do Triatlo do Belenenses, e ter a oportunidade de conseguir ajudar os meus colegas de equipa com o que eles precisarem e de evoluirmos juntos! Apesar do triatlo ser um desporto individual, vamos muito mais longe com uma boa equipa, com atletas motivados a fazer melhor, treinadores presentes e sempre dispostos a ajudar, e claro, a equipa técnica que está por trás de toda a operação!
- 2 Para esta época os objetivos da equipa foram o campeonato nacional de clubes e, no meu caso em particular, tive também o objetivo de me aventurar nas distâncias longas, com o Triatlo Longo de Caminha, que acabei em terceiro lugar do Age Group, e também o Ironman de Vitória Gasteiz!
- 3 Não tenho uma história em específico, mas acho que basta assistir ou participar num treino da nossa equipa de triatlo, para perceber o espírito de equipa, a cumplicidade entre atletas e treinadores, e os bons momentos que passamos. Isto tudo, na minha opinião, representa o que é “Ser Belenenses”.
- 4 Para figura história destaco o Vasco Vilaça, que foi formado no Belenenses, campeão do mundo de juniores e 5.º lugar nos últimos Jogos Olímpicos de Paris. É atualmente o melhor triatleta Português.





AFONSO RIBEIRO
Natação



1 A natação é um desporto amador e com muito pouca visibilidade e mediatismo em Portugal. Nesse sentido, o “peso” de ser um exemplo para sócios e adeptos não é algo que me preocupe uma vez muito poucas pessoas devem saber quem é o Afonso Ribeiro. No entanto, quando tocamos no tema “companheiros de equipa” e, acima de tudo, “atletas de formação” a minha postura já muda significativamente. Enquanto capitão, cabe-me ser uma figura pela qual todos as pessoas que vivem diariamente a natação do Belenenses têm respeito e, de certa forma, admiram. Ser um exemplo para os meus companheiros, sobretudo atletas mais novos, não pode passar apenas pela simples transmissão de valores e pela proclamação de palavras de conforto e/ou motivacionais. Ser um exemplo tem de ir além das palavras, exige que todo o discurso que é direccionado para os atletas seja posto em prática pelo próprio capitão, caso contrário, a mensagem não surte o mesmo efeito. No meu caso, ser capitão da natação do Belenenses é, também, ser amigo dos meus colegas de treino e dos meus treinadores pois acredito que uma equipa feliz acaba sempre por ser uma equipa competitiva.

2 A definição de objectivos, sempre que uma nova época se inicia, é fundamental para orientar o foco e a forma de treinar. Como tal, para 2025/2026 já estabeleci metas pessoais ambiciosas que guardo para mim e para as quais trabalharei o melhor que conseguir para as poder atingir. A nível coletivo, acredito que as aspirações da equipa do Belenenses sejam ainda maiores, uma vez que temos uma equipa jovem e repleta de talento, que procura continuar a alcançar o topo da natação nacional. O Belenenses é um dos poucos clubes em Portugal

que apresenta, há vários anos consecutivos, tanto a equipa feminina como a masculina na 1.ª divisão nacional. O valor desta afirmação, aos olhos do clube, deveria crescer imenso quando se percebe que a equipa não tem um espaço próprio de treino desde 2010, ano em que a piscina foi encerrada. No entanto, mesmo sem os apoios necessários para a sustentabilidade da modalidade, posso avançar que toda a estrutura (treinadores, atletas e pais) se encontra motivada, confiante e a treinar com seriedade para uma vez mais colocar o nome do clube dentro do grupo restrito da elite nacional.

3 “Ser Belenenses” é, para mim, ser resiliente. Sendo um clube histórico em Portugal, o Belenenses há muitos anos que vive com uma escassez de recursos financeiros (e não só) quando comparado com muitos outros clubes. A título de exemplo, e reiterando uma vez mais, o Belenenses não tem piscina própria desde 2010. Para uma história que represente o que é “Ser Belenenses”, estou plenamente convicto de que esta poderá ser a que mais materializa o conceito. A natação, que num passado já distante, teve oportunidade de treinar numa das melhores e mais belas (se não a mais bela) piscinas do país, há vários anos que não tem as condições ideais para praticar a modalidade (piscina, ginásio, apoios). No entanto, a dedicação e lealdade dos atletas, dos treinadores, dos pais e da secção da natação ao clube e às pessoas que o dirigem sempre foram mais fortes do que todas as dificuldades pelas quais a modalidade passou e continua a passar. Resiliência é a palavra certa.

4 Filipe Coelho. Um nome que marca não só o Belenenses, mas a natação em Portugal. O Filipe teve um impacto muito grande na vida de várias pessoas ligadas à modalidade e continua a ser uma enorme referência para muitos treinadores e atletas, não apenas pelas suas valências enquanto técnico mas, acima de tudo, pelo seu extraordinário lado humano. Se algum dia o Belenenses voltar a ter uma piscina própria, não seria de todo descabido ter como nome “Complexo de Piscinas Filipe Coelho”.

Máquina do Tempo



Clube de Futebol "Os Belenenses" - Finalista do Campeonato de Portugal - 1925/1926

1925/26 **A primeira final do Campeonato de Portugal: Marítimo 2-0 Belenenses**

A época 1925/26 foi rica em histórias para o nosso clube, desde logo pela estreia de José Manuel Soares, num famoso jogo nas Salésias que deu origem aos **"15 minutos à Belenenses"**. Nessa ocasião, por indicação do capitão Augusto Silva, o jovem Pepe ficou responsável por marcar a grande penalidade que deu a vitória azul por 5-4 frente ao Benfica, após ter estado a perder por 1-4.

Também, a conquista do Campeonato de Lisboa nessa mesma temporada poderia ser destacada. Embora, atualmente não seja tão reconhecida, à época esta era uma das grandes competições e um troféu que o Belenenses almejava após três anos consecutivos na segunda posição.

No entanto, de uma época brilhante, o episódio mais inusitado ocorreu na final do Campeonato de Portugal, que o Belenenses disputava pela primeira vez, diante do Marítimo. Nessa edição, o Belenenses eliminou os Leões de Santarém, Sporting de Espinho e Olhanense, ou seja, com clubes do Centro, Norte e Sul, só faltava mesmo um representante das ilhas para uma caminhada perfeita!

A final iniciou-se desde logo de forma polémica, a escolha da cidade do Porto como local não agradou à turma da Cruz de Cristo que alegava que a cidade era abertamente contra os clubes de Lisboa. Deste modo, a final foi adiada uma semana e foi já com os maritimistas instalados há duas semanas no Continente que se disputou a aguardada partida no Campo do Ameal.

O Belenenses desde cedo lutou contra a corrente, aos 35 minutos, o Marítimo desperdiçou uma grande penalidade e na segunda parte colocou-se mesmo em vantagem primeiro por José Fernandes, estavam decorridos 10 minutos, e depois por José Ramos.

E foi precisamente nessa altura que o jogo terminou, por volta dos 70 minutos. Ainda que à época não houvesse cartões, o árbitro deu ordem de saída ao capitão do Belenenses, Augusto Silva, que se recusou a sair. Sem mais demoras, o árbitro deu por terminado o encontro e o Marítimo sagrou-se campeão de Portugal, naquela que há de ter sido umas das finais mais curtas que há memória e reflexo da instabilidade e falta de estrutura, próprias de uma competição que ainda estava a dar os primeiros passos.

1950/51

Desilusão nas Salésias: um Belenenses irreconhecível

A época de 1950/51 iniciou-se na ressaca do título nacional conquistado quatro anos antes. Enquanto dessa equipa memorável ainda se mantinham nomes históricos como Sérgio, Serafim ou Feliciano, a verdade é que o Belenenses ia ficando cada vez mais longe do título nacional e os 18 pontos de distância para o 1.º classificado na época anterior, ainda que em 4.º lugar, desencadearam a fúria dos adeptos.

Na presidência, entrou Francisco Mega e no comando técnico, regressou o experiente húngaro Alexandre Peics que tinha ingressado em Portugal precisamente para treinar o Belenenses. Contudo, os resultados não foram felizes. Durante todo o campeonato, o Belenenses apresentou-se irreconhecível e muito aquém do que se pretendia, culminando num inesperado 9.º lugar, à data a pior classificação da história.

Ainda, assim foi na Taça de Portugal que os adeptos azuis pensaram que ainda teriam uma alegria. Apesar da prestação no campeonato, na Taça de Portugal, o Belenenses eliminou, a duas mãos, Sporting e Porto consecutivamente, caindo com nova desilusão diante da Académica na meia-final, na sequência de uma tarde desinspirada em Coimbra.

O cenário do futebol mudava, o Belenenses permanecia resistente em seguir o caminho do “profissionalismo” e as carências financeiras acentuar-se-iam com a construção do Estádio do Restelo ainda na década de 1950, onde ainda assim surgiriam **nomes gloriosos** como Di Pace, Vicente ou Matateu.





1975/76

Maior enchente no Restelo: Belenenses 4-2 Benfica

12 de outubro de 1975 – O Restelo transbordava por todos os lados, “casa cheia, com gente postada em todos os sítios possíveis”, escreveu A Bola. Falou-se em sessenta mil pessoas, talvez mais. Uma moldura humana impressionante, inimaginável nos dias de hoje, nem que seja por motivos de segurança: havia inclusivamente gente pendurada no quadro de resultados do Totobola e um espectador numa das torres de iluminação!

Neves de Sousa, do Diário de Lisboa, não poupou elogios: “Um dos mais soberbos desafios de futebol até hoje jogado em campeonatos da moderna idade portuguesa. Um show a que nada faltou para colocar a densa plateia em indesmentível delírio.” E assim foi. O Benfica, campeão em título, contra um Belenenses moralizado, vencedor da Taça Intertoto e embalado pelo trabalho de Peres Bandeira.

O espetáculo começou cedo. Aos 15 minutos, Gonzalez bateu um livre milimétrico e Pietra apareceu para inaugurar o marcador. O Restelo explodiu.

Jordão restabeleceu a igualdade, mas ainda antes do intervalo num canto, Artur Jorge amorteceu de cabeça e Vasques assinou um espetacular pontapé de bicicleta.

A segunda parte foi igualmente vibrante. Nené voltou a empatar, mas o Belenenses respondeu de imediato: novo lance de insistência, bola sobrando para Vasques, que disparou um remate imparável de pé esquerdo. Já perto do final, Pietra arrancou pela direita, deixou adversários para trás e serviu Artur Jorge, que rodopiou e bateu Bento sem apelo. Estava feito o 4-2.

Não foi apenas uma vitória, foi uma afirmação. Nesse dia, o Belenenses assumiu a liderança do campeonato e mostrou que podia ombrear com os grandes. “Olha lá, Belenenses... e se lutasses pelo título?”, perguntava Santos Neves n’A Bola, em jeito de desafio. No final da época, o terceiro lugar confirmou uma campanha notável: invencível em casa, vencendo Benfica, Sporting e FC Porto no Restelo.



2000/01 **Invictos no Restelo: Belenenses 2-0 FC Porto**



Julho de 2000. Marinho Peres regressa a Portugal e é apresentado como o novo técnico do Belenenses, volvidos 11 anos da conquista da Taça de Portugal. Nesse período, o Clube passou por altos e baixos, incluindo uma passagem pela 2.^a Divisão. Marinho diz que encontrou um Clube diferente daquele que deixou, mas a ambição é clara: “fazer o Belenenses voltar às suas ambições”, que é como quem diz, no mínimo lutar pelas competições europeias.

Em entrevista ao Jornal Record, complementa, “Belenenses tem de ser atrevido”. Dito e feito! No primeiro jogo em casa, o Belenenses recebeu e venceu o FC Porto de Fernando Santos por 2-0, com dois golos do brasileiro Eliel. “Qual é coisa qual é ela que acaba em «el», é um ponta-de-lança brasileiro e marcou dois golos no Belenenses-FCPorto? Não, não é Jardel!” brincava a imprensa, no dia seguinte, numa clara alusão à saída do avançado do FC Porto para o Galatasaray e a uma noite inspirada do reforço do Belenenses.

Para o jogo, Marinho Peres armou a sua equipa em 4x3x1x2, com os sectores bem juntos e a defender tão longe quanto possível da baliza de Marco Aurélio. Cabral e Pedro Henriques, nas laterais, enquanto Filgueira e Wilson asseguravam o centro da defesa.

Mais à frente, Tuck, Lito e Kléber procuravam controlar o meio-campo, enquanto o ataque estava entregue ao tridente composto por Eliel, Guga e Verona.

Ainda que a primeira parte não tenha sido particularmente inspirada, valendo o pontapé de penáti de Verona aos 37 minutos, após falta de Alenitchev sobre Verona, a segunda parte trouxe um Belenenses completamente dominante. Fernando Santos abdicou do 4x3x3 ficando apenas com 3 defesas o que motivou diversas arrancadas dos jogadores azuis. Até que aos 54 minutos, Cabral no lado direito, chegou à linha, centrou ao segundo poste e a defesa do FC Porto, sem superioridade numérica, compensou mal, deixando Eliel sozinho para selar um resultado final justo para um Belenenses que foi superior em todos os aspetos e até lisonjeiro para os dragões, que poderiam ter saído do Restelo com uma goleada histórica.

Como curiosidade final, acrescente-se que nesse ano nenhum dos 3 crónicos candidatos ao título passou incólume no Restelo. O Benfica perdeu por 1-0, enquanto o Sporting resgatou um empate 1-1, já aos 90 minutos.

Mandjomboo

90.º Aniversário Vicente Lucas



Vicente é Belenenses, Belenenses é Vicente e o destino destas instituições do futebol nacional quase que se iniciou no mesmo dia.

O Belenenses foi fundado a 23 de setembro de 1919, Vicente Lucas nasceu 16 anos e 1 dia depois, a 24 de setembro de 1935, em Lourenço Marques, sendo o mais novo de cinco irmãos.

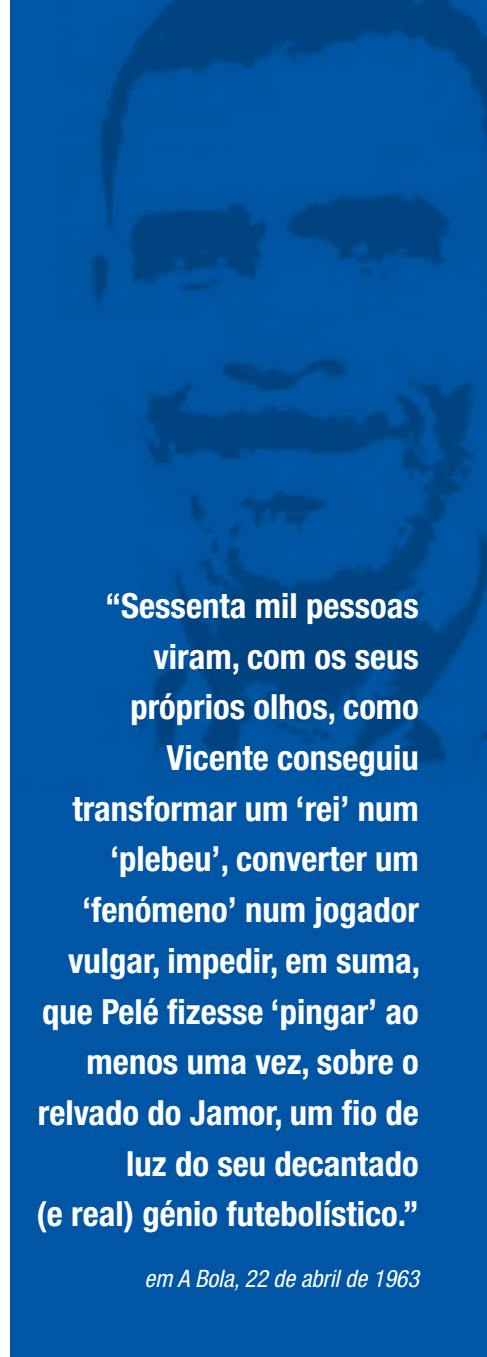
Andou na escola dos nove aos quinze anos, começando a disputar desafios escolares no “Acrobático”, clube popular por onde passaram vários talentos moçambicanos, incluindo Coluna, com a particularidade de se jogar descalço, uma vez que os campos eram areais e jogar com botas na areia era mais difícil.

Enquanto o irmão Lucas Sebastião (Matateu) desbravava caminho em Lisboa, Vicente seguia a sua carreira nos juniores do 1º de Maio, filial do Belenenses, onde jogava a interior e avançado-centro e figurava nas linhas dos jornais como “Matateu II”, alcunha de que não gostava, preferindo simplesmente “Vicente” ou o seu nome de guerra “Mandjomboo”, instituído pela rapaziada do Alto Mahé e que significava muita sorte.

A ida para Portugal começou a ser aliciada pelo Senhor Cardoso, barbeiro de Vicente e um homem 100% Belenenses, mas este não foi o único clube interessado, o Lusitano de Évora, por exemplo, chegou a oferecer 40 contos que a mãe de Vicente recusou, cedendo só aos apelos da Cruz de Cristo após uma viagem do Capitão Soares da Cunha a Lourenço Marques.

Deste modo, embarcou no Pacote Pátria, chegando a Lisboa no dia 30 de julho de 1954, como “o irmão de Matateu” que o esperava no Cais da Rocha. Pouco se sabia do novo recruta dos azuis, mas o remate era lhe especialmente gabado pelo que quando o capitão Serafim o recebeu e lhe perguntou se queria ir dar uns toques às Salésias, Vicente lá aceitou, a medos, com receio de fracassar.

A estreia deu-se pouco depois a 5 de setembro, contra o Atlético, a propósito da festa de despedida de Feliciano e Rogério. Desse momento, o Record destacava, “Vicente Lucas – Boa promessa, a do irmão de Matateu. Mostrou ser ordenador de jogo. Veremos a continuação”, enquanto no Mundo Desportivo estabeleciam-se comparações com o irmão “Vicente Lucas é muito capaz de poder arcar com o nome de Matateu. É parecido a jogar e, especialmente, naquele jogo de braços tão curioso, na maneira de conduzir a bola e num ou outro pormenor. É talvez mais suave que o irmão, menos brusco nas arrancadas – e ontem, pelo menos, muito menos chutador e muito mais organizador”.



“Sessenta mil pessoas viram, com os seus próprios olhos, como Vicente conseguiu transformar um ‘rei’ num ‘plebeu’, converter um ‘fenómeno’ num jogador vulgar, impedir, em suma, que Pelé fizesse ‘pingar’ ao menos uma vez, sobre o relvado do Jamor, um fio de luz do seu decantado (e real) génio futebolístico.”

em A Bola, 22 de abril de 1963

Uma semana depois, a 12 de setembro, deu-se a sua estreia em jogos oficiais. Foi na abertura do campeonato nacional, em encontro com o FC Porto realizado nas Salésias. O Belenenses venceu por 1-0 e Vicente, atuando a interior-direito, marcou o único golo da tarde, recordando que “viu-se com a bola na pequena área e deu-lhe um toque com o pé direito”.

Foi o início de uma brilhante carreira no Belenenses, onde disputou mais de 300 partidas, numa história recheada de momentos de glória como a participação na Taça Latina em 1955, onde foi consagrado pela France Football como “um dos melhores médios europeus” após atuações frente ao Real Madrid e Milan, inauguração do Restelo em 1956, cuja estreia da iluminação frente ao Reims assinalou como um dos melhores jogos da sua carreira. Mais tarde, a vitória em 1958 por 2-1 frente ao Barcelona onde “foi o fulcro defesa-ataque e um ponteiro firme na sua manobra” e, claro, a apoteose em 1960 quando, enquanto capitão de equipa, levantou a Taça de Portugal em pleno Estádio Nacional.

Acabou por não concretizar um dos seus sonhos, o de ser campeão pelo Belenenses, tendo estado no dramático campeonato perdido a 4 minutos do fim em 1955, bem como noutros quatro 3.ºs lugares ao longo das treze temporadas de Cruz ao peito.

Contudo, alcançou o objetivo de vestir também a camisola das Quinas. Acabado de chegar a Portugal, as suas atuações não passaram despercebidas aos responsáveis federativos e aos 19 anos estreou-se como internacional na “Seleção B”, frente ao Luxemburgo, uma partida que Portugal ganhou por 3-1. Anos mais tarde, em 1959, veio a primeira internacionalização A, contra a Escócia, num jogo que Portugal venceu por 1-0, com um golo curiosamente da autoria do irmão Matateu.

Os duelos frente ao “Rei Pelé” que o consagraram no Olimpo do Futebol, chegaram depois em 1963. Foi a 21 de abril que Portugal venceu pela primeira vez o Brasil, então bicampeão mundial, e a exibição de luxo de Vicente foi amplamente destacada. No Jornal “A Bola”, que considerou Vicente o melhor português em campo, podia ler-se “Sessenta mil pessoas viram, com os seus próprios olhos, como Vicente conseguiu transformar um ‘rei’ num ‘plebeu’, converter um ‘fenómeno’ num jogador vulgar, impedir, em suma, que Pelé fizesse ‘pingar’ ao menos uma vez, sobre o relvado do Jamor, um fio de luz do seu decantado (e real) génio futebolístico. É que por mais incrível e espantoso que pareça, foi isso mesmo que aconteceu: **Pelé não lhe ganhou uma única jogada. Em que mágica fórmula bebeu Vicente o segredo do seu êxito? Só ele o saberá por inteiro.** Pela nossa parte, apenas ousamos assinalar este pormenor: **Vicente só pensava na bola enquanto esta poderia estar ao alcance de Pelé, para evitar que ela lhe chegasse aos pés. Se a bola se afastava de Pelé, ele não ia com a bola, mas com Pelé. Outros têm procedido de outro modo e foram esmagados. Ele procedeu assim e esmagou Pelé”**.

Afinal, desde sempre o destino de Vicente e Pelé estavam ligados, dado que foi o primeiro quem apadrinhou a estreia do segundo num misto Santos/Vasco da Gama que defrontou o Belenenses. Por esse motivo, Pelé confessaria “Simpatizo muito com o seu clube, não podendo esquecer-me que **foi o Belenenses o meu primeiro adversário como jogador e que é também nele que alinha Vicente, que muito admiro**”.



**“é um bom e leal camarada.
Incapaz de um gesto feio,
de uma atitude irreverente.
E sobre isso, um profissional
sério e um jogador brioso”**



A excelência das suas exibições valeu-lhe inúmeras distinções, como a eleição como melhor futebolista da época 1962/63 pelo Diário Popular ou o Prémio Regularidade do Mundo Desportivo, referente ao ano 1965/66.

Foi precisamente nesse ano que tocou novamente o céu, com a participação dos Magriços no Mundial de 1966, onde mais uma vez “secou” Pelé, sendo considerado pelo Daily Mail como o **“defesa mais fino do futebol mundial dos últimos anos”**.

Com 30 anos, Vicente tinha ainda muito para dar ao mais alto nível, contudo a sorte não quis que assim fosse e a 7 de outubro de 1966, a caminho do “seu” Estádio do Restelo, sofreu um brutal acidente de viação. A violência do embate projetou Vicente contra o vidro frontal da viatura, o que lhe causou ferimentos profundos na face e uma lesão no globo ocular da qual não recuperaria, e que provocou um abrupto final de carreira.

Realizaram-se então homenagem múltiplas, sem precedentes, com a disputa de 22 Taças Vicente Lucas por todo o país, incluindo um Benfica-Sporting que colocaram de lado a tensão das suas relações para enaltecer a carreira deste grande jogador.

Seguiu-se uma etapa como treinador, onde passou por Vasco da Gama de Sines, Peniche, Desportivo de Castelo Branco e Sesimbra, entre outros, mas era entre os mais novos onde se sentia melhor. Em 1990, voltou a treinar na formação do Belenenses, explicando: “Gosto muito de trabalhar com miúdos e acho que tenho jeito. E, como estou no ‘meu’ Belenenses e os miúdos também gostam de mim, considero-me um homem feliz...”.

Pelos seus feitos gloriosos, foi justamente homenageado junto do irmão Matateu com a colocação de Busto no Mural dos Campeões, inaugurado por ocasião do Centenário do Belenenses, imortalizando ainda mais uma figura que é por todos reconhecida e não será esquecida.

De Vicente, os companheiros diziam “é um bom e leal camarada. Incapaz de um gesto feio, de uma atitude irreverente. E sobre isso, um profissional sério e um jogador brioso”. **Vicente era e é único, a sua simplicidade, discrição e humildade contagiavam qualquer pessoa que com ele lide. Uma estrela humilde, com o desprendimento que só os gigantes conseguem ter e com uma simpatia e dedicação inabaláveis, à vida, ao futebol, ao Belenenses.**

Obrigado, senhor Vicente!





69.º Aniversário do Estádio do Restelo

Inaugurado no dia 23 de setembro de 1956, data em que o Clube de Futebol “os Belenenses” cumpria precisamente 37 anos, o Estádio do Restelo é simultaneamente símbolo da resiliência que, desde sempre, o nosso Clube demonstrou ao tornar uma velha pedreira num dos mais belos recintos do país, mas também de uma ambição não concretizada.

Depois de décadas gloriosas vividas no Estádio das Salésias, a mudança (forçada) para o Restelo personificava o sonho de novos sucessos, contudo representou **encargo demasiado pesado para um Clube que desde aí passou a viver em constante sobressalto, marcando em definitivo uma nova era na história do Belenenses.**

Desenhado pelos arquitetos Carlos Ramos e Jorge Viana, o Estádio do Restelo e respetivo Complexo Desportivo desde logo previam elementos de grande modernidade. Idealizado para cerca de 33 mil espectadores – com possibilidade de expansão do Topo Norte para mais 7 mil espectadores – estava equipado com cabines para a transmissão televisiva dos jogos, algo que só se iniciaria em Portugal em 1958, e incluía ainda diversos espaços dedicados às modalidades amadoras.

Assim, nesta edição que celebra também o Aniversário do Estádio do Restelo, **o convite é para uma viagem a espaços que marcaram fases distintas da sua vida, símbolos das próprias etapas do Belenenses e da relação do desporto com a sociedade civil.**

Campos de Ténis

Em 1958, o ténis foi introduzido no Belenenses pela mão de Appleton Figueira e Arménio Rebordão, secundados por Bia Ogando Santos, Pepa, Carlos Figueira e Carlos Diniz, que inauguraram os courts de ténis do Restelo.

Deste complexo, faziam parte três campos de ténis, na atual zona do Polidesportivo Ramos Lopes, e uma parede bate-bolas, correspondente ao muro que faz a separação entre esta zona e o Campo Major Baptista da Silva. Como curiosidade, a bancada utilizada para estes campos viria, anos mais tarde, a ser reconvertida numa das bancadas do Pavilhão Acácio Rosa.



69.º Aniversário do Estádio do Restelo

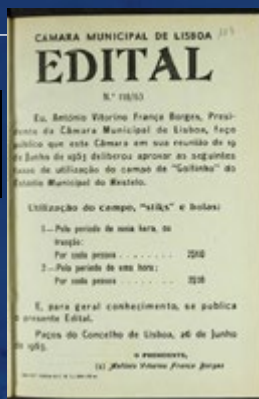
Campo de Minigolfe

Foi nos difíceis anos do “resgate” do Estádio do Restelo pela Câmara Municipal de Lisboa que, na zona do Topo Norte do Estádio (à época, Municipal) do Restelo foi inaugurado a 12 de junho de 1962, o “Campo de Golfinho”, com a presença do Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, António França Borges.

Este foi um capítulo difícil para o Belenenses que, sem controlo do Património, era encarado como um simples arrendatário do espaço do Restelo, ficando condicionado ao entendimento Camarário quanto à melhor utilização do complexo.



Estádio Municipal do Restelo, Campo de minigolfe (Arquivo Municipal de Lisboa)



À esquerda: Edital da Câmara Municipal de Lisboa a informar da aprovação das taxas de utilização do campo de “Golfinho” do Estádio Municipal do Restelo (Arquivo Municipal de Lisboa).

Abaixo: fotos da inauguração do campo de minigolfe pelo presidente da Câmara Municipal de Lisboa, no Estádio Municipal do Restelo (Armando Maia Serôdio, Arquivo Municipal de Lisboa)



Parque Infantil

Em 1975, na sequência de um crescente debate em torno da profissionalização dos clubes de futebol e do papel social destes emblemas, o Belenenses iniciou um programa piloto, em conjunto com a Direção Geral de Desportos, de abertura das suas instalações à população.

Por isso mesmo, foi inaugurado um Parque Infantil, numa lógica que passava pela reconversão do Complexo Desportivo (e do seu Estádio) que, só tendo utilização para o futebol de 15 em 15 dias, deveria funcionar como polo de atração da Comunidade, dotando-o de equipamentos adequados a pessoas de todas as idades.



69.º Aniversário do Estádio do Restelo

Piscinas Olímpicas

Inaugurado com pompa e circunstância pelo presidente Mário Soares, a 21 de julho de 1993, o Complexo de Piscinas do Belenenses era um sonho de décadas do Clube que se havia iniciado ainda na década de 1960 com a candidatura portuguesa à organização da “Universíada” e acentuado a partir de 1973 com a interdição do velho tanque do “Caldo Verde”.

Assim, com grande esforço ergueu-se uma obra que encheria de orgulho o CFB pelas condições que passou a proporcionar e que teve significativo impacto no crescimento do número de sócios. Durante quase 20 anos de atividade, foi neste local que milhares de crianças e jovens da zona ocidental de Lisboa deram as suas primeiras braçadas, desde o “Chapinheiro” até à Piscina Olímpica, que viria a encerrar em 2010.



Sala de Convívio

Durante décadas foi na Sala de Sócios situada sob a Bancada Poente do Estádio do Restelo que se cruzavam gerações de adeptos. Enquanto mais novos se juntavam à volta das mesas de snooker e ping-pong, ouviam e interiorizavam também as histórias e conquistas que os mais velhos recordavam, garantindo que o fervor clubístico passava assim de geração em geração.

[Clique na imagem](#) e veja este espaço através do documentário “A Certeza de Vencer!”, – o complexo do Restelo no início dos anos 90, numa visita guiada às infraestruturas do nosso clube nessa época.



Coleção

Camisolas Vitor Ennes

Aos 46 anos, com 42 de sócio, Vítor Ennes é uma cara conhecida no Restelo, local onde diz que praticamente nasceu, dado que o pai foi diretor do Belenenses entre 1982 e 1988 e que, por esse motivo, grande parte da sua infância foi passada no Estádio.

O gosto por camisolas vem de longe e, inicialmente, cresceu de forma espontânea, uma vez que conhecia alguns jogadores do passado e, de vez em quando, tinha a sorte de receber uma oferta. Mas a verdadeira paixão nasceu mais tarde, no tempo do Covid: **“com mais tempo disponível comecei a pesquisar, conheci colecionadores e percebi que queria levar isto mais a sério.”**

Hoje, a coleção já conta com 146 camisolas, em constante atualização com novas relíquias. Embora não tenha sido a primeira camisola que teve, Vítor considera que o amor pelo colecionismo despertou com a camisola principal de 1994/95, com o patrocínio da Beltrónica.



Da esquerda para a direita: Camisola com o patrocínio “O Trabalho, companhia de seguros” (1988/89); Camisola com o patrocínio “Beltrónica” (1994/95); Camisola com o patrocínio da Império (1987/88); Azul lisa (1979/80); Malha comprida (1970/71).

Desde então, o espólio cresceu e reúne camisolas de várias épocas – a mais antiga é da época 1967/68 –, algumas com valor sentimental único. **“Talvez a que mais me representa seja a de 1989, pelo título conquistado e porque efetivamente a camisola é lindíssima. Este modelo da Adidas é considerado um dos mais bonitos da história para os colecionadores desta marca desportiva. Conquistámos um título com ela e a Adidas fez um dos modelos mais bonitos de sempre, usado por várias equipas como a Holanda, que com ele se sagrou campeã da Europa.”**

Revelando que foi uma oferta do sócio Paulo Bolrão, confessa que, quando soube que ia receber esta relíquia, os olhos lacrimejaram e as mãos tremeram, por ser também um modelo que “acaba por representar um pouco da minha infância”.

Entre as mais raras, aponta essa mesma de 1988/89 e também a de 1998/99, peças de difícil acesso. Já em relação à mais valiosa, destaca uma de 1970/71, usada por Camolas, avançado que representou o Belenenses por duas temporadas. “É uma camisola de malha, de manga comprida, típica de quando se jogava naquela altura no inverno”, nota, vendo diferenças claras entre as várias épocas da coleção: “atualmente, as camisolas são muito mais leves e apropriadas para o desporto. Antigamente eram pesadas, feitas de malha, em alfaiatarias, mas tinham outro encanto. Por exemplo, a nossa Cruz de Cristo até aos finais dos anos 80 era bordada, algo que a partir dos anos 90 deixou de acontecer.”



A busca pelas camisolas não se limita a Portugal: é preciso paciência e dedicação, desde as plataformas usadas a nível nacional, como o OLX, Vinted e Custo Justo, até lojas especializadas um pouco por todo o mundo. “Já comprei em várias partes da Europa, América do Norte e América do Sul. Cheguei a receber propostas até do Japão. Não sei como lá foram parar, mas já vieram de sítios inesperados!”

O objetivo é claro: ter todas as camisolas azuis principais desde 1978, o ano em que nasceu. Faltam-lhe apenas duas, a de 1978/79 e a de 1982/83, ano em que o Belenenses participou pela primeira vez na 2.ª Divisão. “Já tenho todas desde 1984. Sei que vai ser difícil, mas baixar os braços é que nunca.”

Partilhar a coleção tornou-se inevitável. Criou uma página no Instagram ([@belenenses_vintage](#)) para que não ficasse escondida em casa. “Achei que tinha de a mostrar, não podia guardá-la só para mim. Já recebi mensagens de parabéns até de adeptos de outros clubes.”

E porque o colecionismo é também feito de sonhos, ainda há peças que gostaria de encontrar: a camisola branca alternativa de 1989, uma da época 1945/46, quando o Belenenses foi campeão nacional, outra da época 1959/60, ano da segunda Taça de Portugal, ou ainda uma de Vicente ou de Matateu.

O sonho, contudo, vai mais longe: montar um mini-museu em homenagem ao pai, onde possa expor não só as camisolas como medalhas, posters, cachecóis, galhardetes, livros e até peças raríssimas como o cartão de sócio de mérito de Manuel Veloso, um dos fundadores do clube. Revela que, enquanto não tem o espaço adequado, gostava de fazer uma exposição no clube, de forma estruturada.

Pelo caminho, acumula histórias únicas, como a vez em que adquiriu um cartão de sócio dos anos 50 pertencente a um dos primeiros presidentes do Belenenses, o Engenheiro Reis Gonçalves. “Um dia eu estava a negociar com um comerciante várias peças, mas esta era a que me fazia arregalar o olho, era a que eu queria mesmo ter na minha coleção. O comerciante fez o seu papel de tentar puxar os outros itens para um valor mais alto do que aquele que eu estava a oferecer, mas do cartão de sócio nem falava. Quando chegámos a acordo, percebi que nem sabia quem era a figura no cartão e acabou por oferecê-lo. Para mim foi uma oferta de ouro.”

Mais do que uma coleção, cada camisola é um pedaço da história do clube, símbolo da memória azul que fica assim preservada.



INTRODUÇÃO

No ano em que se assinalam 20 anos do início da presidência de Cabral Ferreira, aceitei com grande satisfação, emoção e saudade escrever esta memória, fazendo, ao mesmo tempo, uma breve reflexão sobre os seus mandatos e a sua visão, suportadas principalmente numa vivência de quase vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, ao longo de quase três anos de mandato. Porque era também esse o ritmo a que vivia e fazia viver o nosso clube.



© Pedro Ferreira

20 anos da eleição de Cabral Ferreira

texto de Miguel Barreiros

Falar de Armando José Cabral Ferreira (03/09/1952 -26/02/2008), engenheiro eletrotécnico, empresário, professor, dirigente de «Os Belenenses» por mais de duas décadas e principalmente eterno amigo, daria um vasto e completo livro. Um livro já semi-prometido a mim mesmo, prometido em pensamento à sua memória.

A ELEIÇÃO

Cabral Ferreira foi eleito Presidente do Clube em abril de 2005 num ato eleitoral extraordinariamente participado, com uma clara vitória (c. 68%) sob o lema «Crescer, Inovar e Vencer». Em 2007, seria reeleito com o moto «A Direção certa» (c. 62,5%) reforçando a base de apoio para aquele que deveria ser o segundo biénio de governação. Vivam-se intensamente tempos dos blogs, ainda hoje o maior acervo digital sobre esses tempos, já depois da primeira explosão associativa virtual com a mailling list de «Os Belenenses» cujas conversas decorriam, imagine-se, por email! Algo que pelo menos os “cinquentões” como eu lembrarão com nostalgia. As redes sociais eram miragem, mas, curiosamente, já se experienciava a praga dos falsos perfis.

O ESTILO

O primeiro mandato presidencial de Cabral Ferreira nasce naturalmente, ainda que de evolução na continuidade, com vários elementos a transitarem das direções de Sequeira Nunes para a recém-eleita lista, como aliás sucedeu comigo e com o próprio Cabral Ferreira. O seu antecessor, Sequeira Nunes, é eleito na vice-presidência da Mesa da Assembleia Geral. No entanto, tendo passado, como dirigente, pelas presidências de António Moita, José António Matias, Fernando Ferreira e Sequeira Nunes, chega ao seu primeiro mandato como Presidente com ideias próprias, firmes e bem definidas. A todos recebia e ouvia com a maior tranquilidade para, recolhidas opiniões e informações, mais tarde e só tomar as suas decisões.

Aceita liderar o Clube entregando a presidência e a gestão da SAD a Barros Rodrigues, reconhecido gestor, apaixonado pelo desporto-rei e entusiasta de um futebol modernizado, seu colega de anteriores Direções, acedendo à ideia defendida pelo Conselho Geral, à data com um extraordinário peso no dia-a-dia do Clube, e que era, diga-se, o modelo em que toda a Direção acreditava.

Defensor e promotor do desporto ao serviço dos sócios e da população, cumprindo a missão social que acreditava destinada aos clubes desportivos,

defendia também os serviços desportivos de lazer, enquanto meio financiador das atividades. E assim fez, durante muitos anos, enquanto dirigente da secção de ginástica que albergava muito para além das suas atividades naturais. Mais tarde, enquanto vice-presidente das piscinas, usaria a mesma estratégia para transformar modalidades como o triatlo cuja escola formou estrelas como a campeã mundial júnior Anaiz Moniz, os olímpicos Vanessa Fernandes, Bruno Pais e Paulo Antunes, para além de muitas outras jovens promessas, ou o Pentatlo Moderno onde pontificava André Pereira.

Apesar da firmeza das suas convicções e pelas quais lutava de forma incansável, Cabral Ferreira mudou (e bem) de opinião em diversos temas e ocasiões, conforme a sua experiência de presidência se acumulava, novas informações obtinha ou mesmo com algumas frustrações e desapontamentos se deparava. O Belenenses é historicamente pródigo em mitos (de factos e pessoas) e Cabral Ferreira teve a oportunidade ou mesmo a infelicidade de alguns desconstruir. Mas, não obstante muitos contratemplos, nunca deixou de ser e estar próximo dos sócios, participando em iniciativas ou explicando, em conversas pessoais, o racional das suas decisões. Nunca perdeu, mesmo nos derradeiros momentos da vida, a sua extraordinária coragem, enfrentando situações, dentro e fora do Clube e da sua própria Direção, apaziguando ânimos e procurando consensos.

No momento da primeira eleição de Cabral Ferreira, o Clube estava em ascensão nas modalidades. As apostas certeiras da Direção de Sequeira Nunes davam frutos, reaproximando as equipas principais dos lugares de topo. Havia um investimento desmedido de outros clubes, cujos apoios (p. ex. camarários) inflacionavam brutalmente os orçamentos e o Belenenses sucumbiu à tentação, ainda que à proporção, de os acompanhar. Hoje, os sucessivos “banhos de realidade” vividos, trouxeram a compreensão destes factos que nos anos 2000 eram impossíveis de aceitar pela maioria dos sócios que se “recusavam” perder a competitividade entretanto recuperada. E isso, em conjunto com as promessas nunca cumpridas de faraónicos patrocínios, formaram uma mistura explosiva que viria a contribuir para boa parte da turbulência que se viria a instalar.

Importa reforçar a grande proximidade, convivência e amizade que se viviam entre sócios, Direção, secções, equipas técnicas e atletas de todas as modalidades, pese alguma animosidade entre elas (as secções) muito por força de velhos hábitos e ideias (entre aspas), agravados pelas disputas dos já então escassos espaços desportivos: pavilhão, piscinas e até campos relvados. Mas foi esta cultura de união e entreajuda que permitiu que a secular e tradicionalmente autónoma secção de rugby estivesse mais próxima do Clube, e da Direção, do que em nenhuma outra ocasião.

Cabral Ferreira fomentava essa proximidade e toda a Direção partilhava desse espírito nas suas respetivas áreas. O andebol lutava por lugares cimeiros, vencendo a Taça da Liga (2005/06), o futsal lutava pelo título e o basquetebol disputava a sua sexta final da Taça de Portugal (2006/07), quase cinquenta anos depois de a ter vencido em 1958/59.

“
(...) caminhar para a autossustentação, não quer dizer que o clube não proporcione condições técnicas e infraestruturas”

O Presidente nunca foi, até determinado momento, um “homem do futebol”, outros sim defensor das modalidades ditas “amadoras”, mas, reconhecendo o desequilíbrio, nunca o conseguiu resolver, nem impor o modelo em que acreditava: “(...) caminhar para a autossustentação, não quer dizer que o clube não proporcione condições técnicas e infraestruturas”, referia em entrevista ao DN na conclusão do seu primeiro mandato. Com isto, nunca deixou de as acarinhar, apoiar incondicionalmente e nem de lutar por elas, bem pelo contrário!

Ainda que inicialmente equilibrada, a tesouraria não era de todo um mar de rosas. Aliás, não tenho memória de, em mais de quinze anos de dirigismo em diferentes momentos, ter havido tranquilidade, nem descanso de tesouraria. Os desafios eram muitos: do envelhecimento e impreparação dos quadros de pessoal, extenso e desproporcional (com honrosas e assinaláveis exceções), ao imobilismo e maus hábitos enraizados. A digitalização e modernização era paupérrima e não existiam cargos (nem capacidade) executiva de gestão intermédia,

nem sequer de execução eficiente. À Direção não bastava planear, decidir e gerir, antes tinha também de... quase sempre executar!

Quando surgiram os primeiros profissionais na gestão executiva (eu próprio em 2007, o Javier Murugarren e o Luís Batista em fugazes períodos anteriores) havia uma enorme impreparação sistémica e falta de vontade para os integrar - dos processos, aos funcionários existentes e dirigentes intermédios nas secções (voluntários, grupo indispensável do qual durante muitos anos eu próprio fiz parte). Até mesmo de elementos da própria Direção que os (nos) haviam contratado, facto que afirmo sem pejo por ter sido colega (em várias direções) da sua grande maioria, tendo ainda hoje em quase todos um amigo. Sendo factual, era quase sempre e só uma questão de hábitos e mentalidade, mas Cabral Ferreira, o grande impulsionador da profissionalização desta linha intermédia, não era, nunca foi, um defensor de abruptas ruturas. Era demasiado humano e amigo de todos, independentemente dos seus estatutos e posições, para desempenhar esse papel reformador de forma implacável.

O FUTEBOL

Queira-se ou não, o verdadeiro catalisador e agregador da massa associativa é o futebol e Cabral Ferreira, percebeu-o! O Clube fazia o seu caminho e a SAD também, com autonomia na gestão ainda que dependente, como sempre, das receitas do Clube. Refira-se que esta dependência é recíproca. Também o Clube conseguia (e consegue) muitas delas por força, direta ou indireta, desta mesma relação.

Estávamos em 2005 e Barros Rodrigues liderava a Administração da SAD, com Jaime Monteiro e Vítor Godinho, dirigente e ex-futebolista, ambos referências azuis que transitavam do anterior mandato. Rui Casaca era o Diretor-Geral e Carlos Carvalho liderava a equipa técnica. O plantel colhia a unanimidade da comunicação social e até o próprio estágio de pré-época em Coverciano, Florença, no Centro Técnico da Federação Italiana (fruto do acordo de utilização do Restelo pela Squadra Azzura no Euro 2004), completava o cenário de ambição. A massa associativa estava otimista!



Mas a beleza do inesperado no desporto-rei pode ser também um tremendo pesadelo: os resultados da equipa eram decepcionantes, ocupando um dos últimos lugares, e em março de 2006 a Direção retira a confiança política à Administração da SAD, que se demite. Cabral Ferreira assume a pasta do futebol e a presidência do Conselho de Administração da SAD, com Ricardo Schedel no pelouro financeiro à semelhança da estrutura no Clube. Carlos Carvalho é substituído por José Couceiro, mas a situação não se inverte e mesmo com reduzidas probabilidades de despromoção (salvo lapso de memória de 9%) as improváveis conjugações de resultados, na última jornada, atiram com a equipa desportivamente para a Segunda Liga.

Contrariamente ao que muitos referem, é a Académica de Coimbra quem denuncia a irregular inscrição do avançado Mateus pelo Gil Vicente e, por ser o principal interessado, o Belenenses entra na compita jurídica que muitos já antecipavam integrar se fossem despromovidos. Depois de vários meses de avanços e recuos, impasses e incertezas, num dos mais complexos processos no futebol português, o Belenenses acaba por permanecer na Primeira Liga ocupando o lugar do Gil Vicente, desclassificado. Com as questões processuais a cargo do responsável jurídico do Clube, Cabral Ferreira dá publicamente a cara pela razão que ao Clube (SAD) assistia, num caso de inúmeros contornos e interesses, em que todas as visões, todos os detalhes, todas as opiniões contavam e fizeram a diferença. O Belenenses venceu não só o processo como um conjunto de outros protagonistas e interesses que lhe gravitavam à volta.

Nada parou, Jorge Jesus era contratado para treinar a equipa, Luis Batista assumia a liderança operacional da SAD, renegociando contratos face à nova hipotética realidade, contratando alguns reforços e iniciando um processo de reorganização que acabaria por ser interrompido pela sua saída, fruto de um conflito com outros funcionários do Clube. E entra Carlos Janela para o seu lugar.

Mas o imprevisto e o inesperado no desporto-rei também podem ser um verdadeiro sonho e com o plantel de extraordinária valia, ainda que formado para atacar a subida de divisão, o Belenenses torna-se numa das equipas nacionais mais fortes em campo e atinge a final da Taça, defrontando o Sporting (D 0-1). Embora não vencendo, o Jamor veste-se também de azul num chamamento aos adeptos Belenenses adormecidos nos quatro cantos do mundo. O Belenenses estava de volta aos grandes palcos e também à Liga Europa na época seguinte!

Os mandatos de Cabral Ferreira à frente dos destinos do futebol foram assinalados em diferentes momentos pelo interesse e venda de atletas azuis, muito para além do que acontecia e viria a acontecer nos anos mais próximos: Pelé, Meyong, Dady e Nivaldo, com Rodrigo Alvim, José Pedro, Ruben Amorim e Gavilan a serem também alvo de negociações (não concretizadas). A estratégia de risco e a cobiça sem precedentes por atletas azuis não é bem entendida por todos e contribui para a instabilidade.

O Presidente está certo do rumo escolhido: “Quero resultados que fiquem na história” e a nova época começa com participação no prestigiado Troféu Teresa Herrera, a convite do Real Madrid e tendo o colosso Bayern de Munique como adversário na Liga Europa, em novos momentos de revigoração e grande entusiasmo. Mas também chega com instabilidade e desequilíbrio estrutural, agravados pelos problemas de tesouraria, já notados na época anterior. A debilidade física de Cabral Ferreira tornava evidente a existência de uma doença que se agrava dia após dia. Mas não abandona o Clube que continua a gerir diariamente com a mesma abnegação, mesmo sabendo desde há algum tempo sofrer de doença terminal que lhe deixaria muitíssimo pouco tempo de vida.

O Belenenses volta a ser notícia pela utilização irregular de Albert Meyong. Carlos Janela é demitido. Do caso deriva a perda de 3 pontos que seriam fundamentais para a qualificação para as provas europeias.

Nos primeiros dias de janeiro de 2008, Cabral Ferreira suspende funções por agravamento do seu estado de saúde e informa que apresentaria a demissão. Poucos dias depois a 26 de fevereiro de 2008, falece vítima de doença prolongada. Aos 56 anos...

CONCLUSÕES

Quando os clubes se tornam relevantes – e o Clube de Futebol «Os Belenenses» sempre o foi, independentemente do momento e das circunstâncias –, as dificuldades aumentam. Cabral Ferreira acreditava nas relações, acreditava na entreajuda e, tal como dava o seu contributo, não tinha qualquer receio em procurar retorno. Era difícil dizer-lhe que não. Foi responsável, ainda vice-presidente, por aproximar e manter no Clube uma comunidade de artistas do Belenenses, sempre disponíveis para darem o seu contributo no enriquecimento das atividades. Cabral Ferreira tinha contatos em todas as entidades federativas, tinha o telefone de presidentes e secretários-gerais dessas federações: Mas já os tinha antes, sem precisar de ser Presidente...

Disse Einstein um dia que “isento de erros é aquele que não arrisca acertar”. Ficou um legado de amor ao clube, uma devolução de amor próprio a Os Belenenses, reensinando-lhes a ocupar o seu próprio espaço, o seu próprio corpo, feito de conquistas ainda que efémeras e não continuadas.

O legado de Cabral Ferreira combina legitimidade democrática, impulso desportivo e uma liderança emotiva que procurou devolver ambição ao Restelo. O reencontro com finais e palcos internacionais alimentou o sonho azul; as convulsões institucionais mostraram a complexidade de gerir um clube histórico sob fortes constrangimentos, com uma massa associativa que teimosamente insiste em não aceitar o seu enfraquecimento e dificuldades. O fim prematuro do seu mandato transformou o período num capítulo muito intenso, lembrado pela paixão e pela sensação de obra interrompida.

AFINAL, O QUE FALTOU?

AFINAL QUAL É O CAMINHO?

Faltou capacidade financeira adicional, acima da atividade corrente, já por si deficitária, que permitisse investir numa verdadeira reestruturação. Faltou um modelo que combinasse gestores profissionais com valorosos e fundamentais dirigentes voluntários. Um quadro de pessoal curto e dinâmico, mas eficaz, adaptado às reais necessidades atuais do Clube.

O projeto ainda que efêmero, deixou perceber que a massa associativa quer vitórias, quererá até o que sabemos ou pensamos saber ser impossível. Quer algo, provavelmente até um novo investidor, que no mundo real não existe.

Cada uma das áreas (modalidades) tem um papel importante, fundamental, a desempenhar no Clube: O desporto social ou de lazer é o lado humano que aproxima da população que atrai novos sócios, adeptos ou apenas simpatizantes para a nossa causa, muito em especial na comunidade local mais próxima.

As modalidades ditas amadoras são a cola, a animação e o burburinho que enchem o complexo desportivo de cor e energia, os alicerces estão sempre lá. Que, através das camadas de formação, fazem com que os mais jovens vistam a pele azul e adquiram a mística, indiferente aos resultados da competição dos “mais crescidos” e de até de outras “preferências clubísticas” no que ao consumo de resultados diz respeito.

O futebol é indiscutivelmente o desporto-rei e quando está mal, tudo está mal. É a energia contagiante na massa associativa que aproxima ou afasta as grandes moles humanas e vibrantes do Clube. A ida à final da Taça demonstrou-o! Os jogos com o Bayern de Munique confirmaram-no! Direi mesmo que até a mais recente final da Liga 3 frente à U. Leiria tirou qualquer dúvida a esse respeito.

A terminar, um outro dado, avulso, para refletir: Cabral Ferreira nunca ganhou a votação de um orçamento em Assembleia Geral. Na realidade ganhou poucas votações nas sessões magnas, mesmo poucos dias depois das vitórias eleitorais. Algo que nos deve (re)pensar a harmonização das diversas votações.

Cabral Ferreira quis o apoio de todos, mas, com toda a legitimidade, nem todos lho quiseram dar. Citando Henry Ford, “Quando todos avançam juntos, o sucesso ocorre por si só”.

Nos mandatos de Cabral Ferreira, o arrojo desportivo e de pensamento não foi acompanhado pelo arrojo de decisões de fundo, decisões de gestão. Mas faltou principalmente tempo. Faltou a Cabral Ferreira tempo de presidência, tempo de vida com saúde e tempo na sua própria vida.

Interrompida a obra – porque a vida nem sempre respeita os calendários –, permaneceu a ideia de que o Belenenses pode ser maior do que as suas circunstâncias.

NOTA FINAL PESSOAL

Permitam-me uma nota pessoal, dedicando este texto à memória do meu querido e eterno amigo Zé Cabral Ferreira, desejando uma longa, feliz e próspera vida à Regina, ao Tiago e à Maria, os principais prejudicados pelo seu amor ao Clube de Futebol «Os Belenenses», os principais irremediavelmente prejudicados pela sua partida.



da Marinha Grande

“cada canto tem uma história: desde a União Belenense, do Pau de Fio ao Restelo, as modalidades, as filiais, a nossa ligação ao Santiago Bernabéu, os nossos troféus, o Vicente, o Acácio Rosa...”


Na Marinha Grande, a cerca de 150 quilómetros do Restelo, ergue-se um espaço único, onde bate bem forte a paixão da família Correia pelo Belenenses e que levou Carlos Correia a criar um museu que se tornou num ponto de paragem obrigatória para todos os que sentem o Clube.

A ligação ao Belenenses nasceu cedo, em Angola, onde também nasceu e conheceu, aos 9 anos de idade, o militar Fernando Reis, um Belenense da Ajuda que, juntamente com o ídolo de infância Paco Gonzalez, o fez apaixonar-se pelo Clube.

Já em Tavira, onde cresceu após regressar de Angola, ganhou a alcunha de “O Belenenses”, prova de que veste com todo o orgulho a Camisola Azul onde quer que vá. Mais tarde mudou-se para a Marinha Grande, onde continua a levar bem alto o nome do Belenenses.

“Não há quem não saiba que somos do Belenenses. Onde chegamos podemos ser os únicos, mas também somos diferentes, olham-nos com respeito”, aponta.

Hoje, com 60 anos, Carlos Correia já leva mais de meio século de ligação ao nosso clube e foi precisamente o amigo Fernando Reis quem lhe ofereceu a primeira peça deste museu: um quadro em louça com o emblema do Belenenses, que ainda hoje conserva. Ao longo dessas décadas reuniu itens de todo o tipo, desde recortes de jornais, revistas, posters e cromos até que, em 2017, decidiu transformar a sua garagem num espaço de homenagem ao CFB.



Dois anos de preparação depois, inaugurou o espaço, juntamente com o seu filho, à meia-noite de 23 de setembro de 2019, dia que assinalava o centenário do Clube. Chamou-lhe **“Museu Augusto Silva e Mariano Amaro”**, em homenagem a dois nomes que, acredita, merecem maior reconhecimento, uma vez que acabam por ficar mais à sombra de outros grandes como Artur José Pereira, Pepe, Matateu ou Vicente Lucas.

Estruturado para contar a história do Belenenses desde a sua fundação, “cada canto tem uma história: desde a União Belenense, do Pau de Fio ao Restelo, as modalidades, as filiais, a nossa ligação ao Santiago Bernabéu, os nossos troféus, o Vicente, o Acácio Rosa...”. E há sempre espaço para atualização. Se existe uma história para contar, então ela é mostrada no museu.

Entre as largas centenas de peças que compõem a coleção, destaca a sua primeira bandeira do Belenenses, comprada em Olhão em 1982, no primeiro ano em que o clube jogou na 2.^a divisão. Ao longo dos anos foi também reunindo ofertas de amigos, alguns deles ex-atletas e outros familiares de figuras ligadas ao Belenenses, desde jornais da década de 1950, peças e livros do antigo jogador dos anos 1940 Orlando Dias e até uma lembrança oferecida pelo filho de Georgette Duarte.

Nos últimos anos, desde 2018, junta também as camisolas dos capitães da equipa de honra do Belenenses, reunindo deste modo vários nomes, de Benny Ribolhos até Duarte Valente. Está apenas em falta a do capitão da época passada, Cuca, que ainda espera encontrar.

Apesar de pessoal, o museu foi sempre pensado para ser partilhado. É um gosto dar a conhecer todos os pormenores da história do Belenenses. Para visitar basta contactar o Carlos, que recebe todos de braços abertos. Já o fizeram vários amigos Belenenses, elementos da Fúria Azul, atletas do andebol e até o presidente Patrick Moraes de Carvalho, além de adeptos de outros clubes.

As reações são de espanto e admiração. **“Muitos ficam incrédulos por alguém dar tanto da sua vida pessoal a algo que está aqui, estático. Mas saem daqui com respeito e dizem-me que sentem a paixão que ponho em cada detalhe.”**

Com o museu em constante atualização, o objetivo é claro: continuar a contar a história do Belenenses e preparar espaço para novos capítulos.

“O que mais desejo é que regressemos ao lugar a que pertencemos. Quem sabe se no futuro não abro uma nova ala para contar essa parte da história.”

Mais do que uma coleção, este museu é um testemunho vivo do que significa ser Belenense, a paixão de um adepto que transformou memórias em património e que garante que, **na Marinha Grande, o coração azul do Restelo bate bem forte.**

Belenenses Eclético

Embora fundado em 1919 enquanto “Clube de Futebol”, o Belenenses cedo se afirmou como uma instituição multidportiva, com o **Atletismo** e o **Ciclismo** a darem início em 1921, a uma tradição que rapidamente se alargou a outras modalidades.

Ainda na década de 1920, a **Natação** (1925), o **Pólo Aquático** e o **Basquetebol** (1926), o **Hóquei em Campo** e o **Râguebi** (1928), e o **Ténis de Mesa** (1929), viriam a consolidar essa vocação eclética. Assim, apenas dez anos após a sua fundação, o Belenenses já se destacava pela diversidade e pela riqueza da sua atividade desportiva, projetando-se como uma das grandes referências nacionais.

Nas décadas seguintes outras modalidades passaram a ter também lugar, como o **Andebol**, ainda de onze jogadores, introduzido em 1932 – tendo o Clube organizado o primeiro jogo internacional da modalidade em Portugal, em 1945, no campo das Salésias, e mais tarde a **Ginástica** (1934), o **Voleibol** (1938), o **Ténis** (1958) e o **Hóquei em Patins** (1958).

“OS BELENENSES” DO WATER-POLO



O primeiro grupo de Water-polo do Club de Futebol «Os Belenenses» que se dominou venceu o Nacional por 7-1 (Click) *1921* *Arquivo Ilustrado*



- Os primeiros jogadores de “water-polo”, do clube - Joaquim Vaz, Eduardo Serra, Licínio Vaz, Delfim da Cunha, João Dória, João da Silva Marques e Libertino Bastos



MILITÃO LEAL

Pracista, ativo, e reconhecido, militão, considerou-se um dos melhores jogadores de water-polo. Antes de se ir para o Brasil, a Portugal, a primeira vez, e a seguir ao seu regresso ao Brasil, foi o primeiro jogador de water-polo do Brasil.



Belenenses Eclético

Houve ainda lugar para o **Campismo**, o **Motorismo**, o **Automobilismo**, a **Esgrima**, o **Pugilismo**, a **Caça Submarina**, o **Pentatlo**, a **Patinagem Artística**, o **Hóquei de Sala**, o **Xadrez**, o **Triatlo** e, mais recentemente o **Paintball**, o **Futebol de Mesa**, o **Futsal**, o **Footgolf** e o **Futebol de Praia**.

Em muitas destas modalidades, o Clube teve e tem, também a vertente de equipas femininas, sempre com excelentes resultados, como são os títulos nacionais nos campeonatos femininos de Atletismo – de que Georgete Duarte é o expoente máximo, de Hóquei em Campo, de Hóquei de Sala (Indoor), de Natação, de Triatlo, Duatlo e Aquatlo, e de Voleibol, para além das Taças de Portugal em Basquetebol e Andebol ou dos títulos (Mundial e Europeu de juniores) em nome de Portugal ganhos por Anais Moniz no Triatlo, enquanto representava o Belenenses.

Estas páginas recordam algumas dessas modalidades que, apesar de fazerem parte do passado, continuam a simbolizar o riquíssimo legado do Clube e a sua importância como fator de coesão comunitária, formação pessoal e integração social.

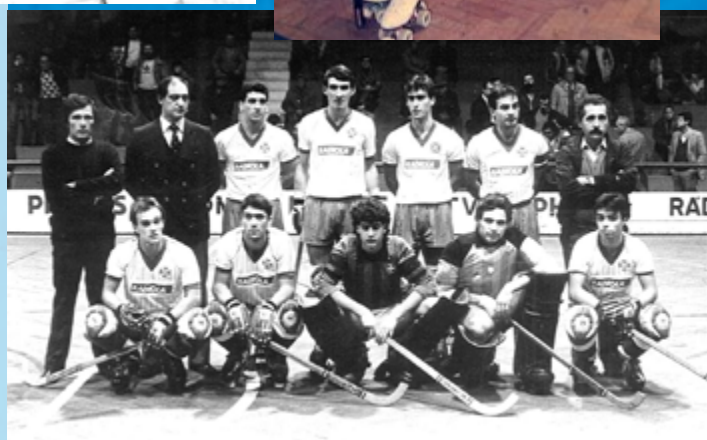
Hoje, apesar das dificuldades do presente, o ecletismo mantém-se como um elemento estrutural da identidade azul, sendo uma expressão do reconhecimento que o Belenenses merece na sociedade civil, mas também instrumento de atração e rejuvenescimento da massa associativa. É por isso um património imaterial que importa preservar e valorizar, nunca podendo ser descurado.



Belenenses Eclético



Belenenses Eclético



Belenenses Eclético

"A Gazela de Belém!"



Centenário do nascimento Georgete Duarte

Ao falar de ecletismo no Belenenses, é também obrigatório falar de Georgete Duarte, num ano em que se assinala o Centenário do seu nascimento, a 1 de Outubro de 1925.

Georgete Duarte foi uma atleta que personificou de forma perfeita este ecletismo ao ter praticado, em diferentes instituições desportivas, modalidades tão distintas quanto o Tênis, Voleibol, Basquetebol (em que foi internacional) e Hipismo, além do Atletismo a sua verdadeira paixão e modalidade em que mais se distinguiu.

Durante a sua carreira de uma década e meia, entre 1944 e 1958, Georgete Duarte conquistou nada mais, nada menos, do que **46 títulos nacionais individuais**, permanecendo ainda hoje como a **atleta com mais títulos em três disciplinas: 100 metros, 200 metros e Salto em Comprimento**. Aos títulos individuais, somam-se inúmeros títulos coletivos, entre os quais se contam **12 Campeonatos Nacionais** e **13 Campeonatos de Lisboa**.

Atleta de excelência, muito ágil e versátil, Georgete Duarte foi recordista nacional em dez diferentes provas: 60 metros, 80 metros, 50 metros, 200 metros, 400 metros, 800 metros, 80 metros barreiras, pentatlo e, ainda em estafetas, currículo que lhe valeu a alcunha de "a gazela de Belém".

Após a sua retirada, continuou sempre ligada ao desporto, dando aulas de ginástica na Moita até bem perto do seu falecimento, em Setembro de 2015, aos 89 anos de idade.





[CLIQUE AQUI E FAÇA UMA VISITA VIRTUAL!](#)



osbelenenses
museu Manuel Bullosa